

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

**ALIMENTAÇÃO, CORPO E AFETO: UM ESTUDO DE GÊNERO E  
ETNIA**

**PATRÍCIA FASOLO ROMANI**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Psicologia.**

**Porto Alegre**

**Julho, 2014**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

**ALIMENTAÇÃO, CORPO E AFETO: UM ESTUDO DE GÊNERO E  
ETNIA**

**PATRÍCIA FASOLO ROMANI**

ORIENTADORA: Prof.(a) Dr.(a). MARLENE NEVES STREY

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Psicologia. Área de Concentração em Psicologia Social.

**Porto Alegre  
Julho, 2014**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

**ALIMENTAÇÃO, CORPO E AFETO: UM ESTUDO DE GÊNERO E  
ETNIA**

**PATRÍCIA FASOLO ROMANI**

Profa. Dra. ADRIANE ROSO  
Universidade Federal de Santa Maria

Profa. Dra. LUCIA MARQUES STENZEL  
Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

Profa. Dra. MARIA CATARINA C. ZANINI  
Universidade Federal de Santa Maria

**Porto Alegre  
Julho, 2014**

## AGRADECIMENTOS

Meu maior agradecimento e a dedicatória desta conquista são para a minha família: meus avós maternos, Enio e Bidu, e minha mãe, Heloísa. Eles foram a minha base, meu porto seguro, para onde sempre voltei e com quem pude contar até o dia em que os perdi. Graças aos meus avós pude estudar e me tornar a pessoa e a profissional que sou hoje. Com eles aprendi valores como honestidade e lealdade. Descobri que o afeto pode ser expresso de diversas maneiras, ainda que não seja, exatamente, do jeito que se gostaria. E que, mesmo em um ambiente com diferenças, dores e conflitos, existe amor, e foi ele que nos manteve unidos, não o sangue.

Aos meus tios, Silvana e Betô, a quem considero segundos pais, minha gratidão pelo incentivo, em inúmeros momentos, e pela disponibilidade em me acolher e auxiliar sempre que precisei.

Ao meu namorado e amigo, José Luiz, que mudou a minha vida e meus planos, trazendo um colorido aos meus dias, e me aguentando mesmo quando nem eu me aguentava mais. Com certeza, ele, mais do que qualquer outra pessoa, sabe o quanto mergulhei nesta empreitada, à custa, muitas vezes, do nosso convívio e lazer. Sem sua tolerância, compreensão e seu amor, seria ainda mais difícil conciliar trabalho, estudo e vida pessoal.

Aminha mestra e orientadora, Marlene Neves Strey, pelos ensinamentos, pelas lições de vida e por me ajudar a perceber o mundo de maneiras diferentes.

Ao meu cão Fidel, como o próprio nome já diz, meu fiel escudeiro, que compartilhou e compartilha de alegrias e tristezas, e que está sempre ao meu lado, incondicionalmente.

As minhas amigas Magali, Adriana, Márcia, Verônica e Simone, amigos Alex Bottin e Alex Pizzatto, às primas Cláudia, Lúcia, Júlia, e aos afilhados Bruno e Vitória, pelo afeto e por aceitarem, ainda que com resignação, meu afastamento nesses três anos e meio.

Às (aos) colegas do curso e do grupo de pesquisa, em especial à Yáskara, que se tornou uma grande amiga, e à Rita, Alice e Fabiana, pela parceria, escuta, consolo, conselhos, trocas e risadas ao longo desse período.

Às professoras e aos professores do programa de pós-graduação em psicologia, pela dedicação e partilha do conhecimento, e a PUCRS e ao PROBOLSAS, pela oportunidade de concretizar um sonho sem ônus financeiro.

Às participantes desta pesquisa, por confiarem em mim e permitirem a realização de um dos meus maiores objetivos de vida.

## RESUMO

A presente tese apresenta estudos sobre as práticas alimentares de mulheres de ascendência italiana, que residem na serra gaúcha e possuem acompanhamento nutricional especializado. **Objetivo:** Investigar as possíveis relações entre a cultura proveniente dos(as) imigrantes italianos(as) daquela região e os padrões alimentares dessas mulheres, por intermédio delas e das suas respectivas nutricionistas, com embasamento nos estudos de gênero, da psicologia social e da psicologia da saúde. **Método:** na composição da tese foram realizados três estudos. O primeiro estudo teve como propósito conhecer a percepção de profissionais da área da nutrição acerca das práticas alimentares de suas pacientes, bem como os fatores que interferem na condução e evolução desses casos. O segundo estudo tratou de investigar a importância da mulher na transmissão cultural, dentro e fora da família, a partir do olhar das participantes que recebem atendimento nutricional. O terceiro estudo intencionou discutir a interferência de fatores emocionais e étnico-culturais na reeducação alimentar de mulheres com ascendência italiana. Nove nutricionistas e vinte e duas mulheres atendidas por elas, em processo de reeducação alimentar, participaram da pesquisa, através de uma entrevista semiestruturada. Os dados obtidos passaram por uma análise de conteúdo temática e foram divididos em categorias. **Resultados:** a conclusão dos três estudos permitiu constatar a magnitude da interferência emocional e cultural nas práticas alimentares das participantes que fazem reeducação alimentar, além de evidenciar a importância das representações sociais do alimento para a compreensão das relações interpessoais nessa população. Também possibilitou reconhecer a permanência da figura materna como principal responsável pela transmissão transgeracional de valores, crenças e costumes. **Considerações Finais:** A reeducação alimentar é um processo complexo, que envolve, principalmente, fatores biológicos, psicológicos e socioculturais. A falta de atenção à influência étnico-cultural pode limitar o alcance das intervenções nessa área, tanto para as(os) profissionais da nutrição, como da psicologia.

**Palavras-Chave:** Mulheres. Alimentação. Cultura. Etnia.

**Área conforme classificação CNPQ:** 7.07.00.00/1 - Psicologia

**Subárea conforme classificação CNPQ:** 70705003 - Psicologia Social

## ABSTRACT

This thesis presents studies on food practices of women of Italian lineage that reside in the mountainous regions of Rio Grande do Sul and are assisted by specialized nutrition assistance. **Objective:** investigate the possible relations between the culture of Italian immigrants of that region and the eating patterns of these women, obtained through them and their respective dieticians, based on Gender Studies, Social Psychology and Health Psychology. **Method:** in composing this thesis, three studies were carried out. The first study had the purpose of getting acquainted with the perception of professionals in the area of nutrition on the eating habits of their patients, as well as factors that interfere in the treatment and evaluation of such cases. The second study investigated the importance of women in transmitting culture in and outside family boundaries from the perspective of the participants assisted by dieticians. The third study intended to discuss the interference of emotional and ethnic-cultural factors in food reeducation of women of Italian lineage. Nine dieticians and twenty-two women assisted by the first in a process of food reeducation took part in the research through a semi-structured interview. The data obtained went through a thematic content analysis and was divided in categories. **Results:** the conclusion of the three studies allowed us to acknowledge the magnitude of emotional and cultural interference in the eating habits of the participants that undergo food reeducation. Furthermore, we evidence the importance of the social representations of food to comprehend the interpersonal relationships for this population. It also allowed us to recognize the permanence of the role of the maternal figure as the main responsible for the transgenerational transmission of values, beliefs and customs. **Final considerations:** Food reeducation is a complex process that primarily involves biological, psychological and social-cultural factors. The lack of attention to the ethnic-cultural influence may limit the spectrum of interventions in this area to both dieticians and psychologists.

**Keywords:** Women. Food. Culture. Ethnicity.

**Area according to CNPq:** 7.07.00.00/1 – Psychology

**Sub-area according to CNPq:** 70705003 – Social Psychology

## RESUMEN

Esta tesis presenta estudios sobre las prácticas de alimentación de las mujeres de ascendencia italiana que residen en la Sierra Gaucha y tienen esoramiento nutricional especializado. **Objetivo:** Investigarla posible relación entre la cultura proveniente de los inmigrantes italianos de esa región y los patrones alimentares de estas mujeres, a través de ellas y de sus respectivas nutricionistas con base en estudios de género, la psicología social y la psicología de la salud. **Método:** en la composición de la tesis tres estudios se llevaron a cabo. El primere studio tuvo como objetivo comprender la percepción de los profesionales de la nutrición sobre los hábitos alimenticios de sus pacientes, así como los factores que interfieren en el desarrollo y resultado de estos casos. El segundo estudio se trató de investigar la importancia de las mujeres en la transmisión cultural, dentro y fuera de la familia, a través de los ojos de los participantes que recibieron asistencia nutricional. El tercer estudio se propuso analizarla interferencia de factores emocionales y etno-culturales en la rehabilitación de las mujeres de ascendencia italiana. Nueve nutricionistas y veinte dós mujeres, en proceso de reeducación alimentaria, participaron en la encuesta, mediante el uso de una entrevista semiestructurada. Los datos pasan por un análisis de contenido temático y divididos en categorías. **Resultados:** realización de tres estudios revelaron la magnitud de la interferencia emocional y cultural en los hábitos alimentarios de los participantes que hacen dela reeducación nutricional, y también destaca la importancia de las representaciones sociales de los alimentos para la comprensión de las relaciones interpersonales e nesta población. También es posible reconocer la permanencia de la figura materna como la principal responsable de la transmisión transgeneracional de los valores, creencias y costumbres. **Consideraciones finales:** La reeducación nutricional es un proceso complejo, que involucra principalmente a factores biológicos, psicológicos y socio-culturales. La falta de atención a la influencia étnica y cultural puede limitar el alcance de las intervenciones en este ámbito, tanto para los profesionales en nutrición, como la psicología.

**Palabras clave:** Mujeres. Alimentación. Cultura. Etnicidad.

**Zona en lalocalizaciónCNPQ:**7.07.00.00/1– Psicología

**SubáreacomocalificaciónCNPQ:**70705003– PsicologíaSocial

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	3
RESUMO .....	4
ABSTRACT .....	5
RESUMEN.....	6
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2. ESTRUTURA DA TESE.....</b>	<b>24</b>
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>25</b>
<b>4. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>29</b>
LATZER, Y.; Witztum, E. & Stend, D.. Eating disorders and disordered eating in Israel: an updated review. European: Eating Disorders Review, v. 16, n. 5, p. 361-74, 2008...	32
MOSCOVICI, S.. Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.404 p. ....	32
ANEXO A – PARECERCONSUBSTANCIADO DO CEP.....	36
ANEXO B – NORMAS DE PUBLICAÇÃO DA REVISTA DE NUTRIÇÃO .....	38
ANEXO C – NORMAS DE PUBLICAÇÃO DA REVISTA ALETHEIA .....	44
ANEXO D – NORMAS DE PUBLICAÇÃO DA REVISTA ANÁLISE PSICOLÓGICA .....	48
APÊNDICE B– ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM AS PACIENTES.....	51
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (MODELO DAS NUTRICIONISTAS).....	52
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (MODELO DAS PACIENTES).....	53



## 1. INTRODUÇÃO

Esta tese nasceu do meu interesse pelo tema proposto, despertado pela observação e vivência em uma comunidade da serra gaúcha, pertencente à cidade de Bento Gonçalves, formada por imigrantes italianos(as) e seus(suas) descendentes. Sou descendente de italianos da região do Vêneto e, desde pequena, pude perceber o lugar de destaque ocupado pelo alimento nas relações familiares e sociais nesse meio. Fora e dentro da minha casa, era visível a relação (na época, ainda sem uma compreensão mais adequada) entre comida e afetividade. Cada vez que recebíamos uma visita, a mesa era ainda mais farta do que o habitual, tanto em quantidade como em variedade de alimentos. A insistência para que as visitas provassem e repetissem os alimentos oferecidos era grande e sua recusa era interpretada, principalmente, como um desaforo e/ou uma rejeição.

Aos poucos, fui compreendendo que deixar comida no prato, após as refeições, também, não era aceitável. Era instruída pela minha avó e minha mãe a comer tudo, mas caso, realmente, não conseguisse, devia beijar o alimento antes de jogá-lo fora, pois esse ato era considerado um pecado, já que tanta gente não tinha o que comer. A crença está tão enraizada que, às vezes, ainda hoje, me pego agindo assim. Outro costume, também, estava associado à forte influência do catolicismo nessa cultura: a hora do almoço era sagrada. Todos tinham que estar, pontualmente, à mesa e, quando isso não acontecia, era motivo para discussão. Aliás, discussão à mesa, na família italiana, é comum. Na minha, era de praxe, fossem pelos problemas cotidianos, fossem porque a comida não agradava a todos. O alimento era um elemento central na comunicação na minha família e, pelo que observei ao longo do tempo, em outras tantas da mesma etnia.

Além da experiência pessoal, foi possível verificar a amplitude do espaço ocupado pelo alimento e seus rituais na vida profissional. Uma das atividades que

exerci na cidade foi assessorar escolas infantis, na área da psicologia escolar. Era notória a preocupação exagerada das mães dos alunos (as) e das professoras com a alimentação deles(as). A criança tinha que comer a qualquer custo, independente da própria vontade e, essa expectativa era reflexo da rede de significados contidos no alimento. A quantidade e a qualidade dos alimentos são quesitos de valorização diferenciada, dependendo da procedência cultural, bem como o que é considerado saudável ou não. Representações envolvendo as práticas alimentares e a maternidade estão implicadas nesse processo. Os mitos “criança saudável é criança gorda” e “a boa mãe é aquela que alimenta a sua prole” ainda permeiam o imaginário dessas pessoas.

O alimento carrega em si uma ambivalência: é fonte de prazer e de sofrimento, dependendo do contexto e da postura frente a ela. A sociedade que promove a busca incessante pela satisfação e pelo consumo – fartura, excesso – é a mesma que induz ao controle, ao leve e ao mínimo – escassez. Comer bem e comer por prazer são, por essa ótica, contraditórios. Na contemporaneidade, os valores estéticos e os cuidados corporais são veículos de aceitação social e de si mesmo, associados a ideologias e práticas alimentares. Comer exageradamente, comer pouco ou não comer nada expressam mensagens destinadas a outras pessoas. O uso dos alimentos, seu acesso e distribuição mantêm hierarquias baseadas em classe, religião, etnia e gênero (Fischler&Masson, 2010; Contreras&Gracia, 2011). Em relação às práticas alimentares voltadas ao emagrecimento, transitam concepções como “fazer dieta” e “comer de tudo sem passar fome”, esta última referindo-se à reeducação alimentar. Essa transição propõe uma ressignificação do comer e da comida e de novos sentidos dessa atividade na vida dos sujeitos (Santos, 2007). A construção de uma dieta saudável, que pode resultar na magreza, alia-se à autoestima, na medida em que leva ao bem-estar consigo mesmo(a), com os demais e na vida profissional (Santos, 2010).

A alimentação é a primeira aprendizagem social do indivíduo. As práticas alimentares, além de imprescindíveis para a sobrevivência física, são cruciais para a reprodução e manutenção das relações sociais, constituindo-se em elemento básico para a reciprocidade e intercâmbio interpessoal. Objeto de pactos e conflitos, os comportamentos alimentares marcam semelhanças e diferenças sociais e étnicas,

classificam e hierarquizam pessoas, expressam concepções de mundo e incorporam um grande poder de evocação simbólica (Contreras e Gracia, 2011). Contreras e Gracia (2011) apontam o estilo alimentar como uma das características culturais mais fortes e duráveis, apesar do contato com outras culturas e o passar do tempo. Ao compartilhar uma cultura, a postura frente aos alimentos e suas representações tendem a ser reproduzidas e guiadas pelas orientações, preferências e sanções por ela determinadas. Portanto, tanto o sentido de pertencimento e identidade, como a demarcação de diferenças e limites, estão associados à comida.

Baas, Walkefield e Kolasa, citados por Contreras e Gracia (2011), elencam vinte funções socioculturais da alimentação, listadas a seguir: satisfazer a fome e nutrir o corpo; demonstrar a natureza e a extensão das relações sociais; iniciar e manter relações pessoais e profissionais; proporcionar um foco para as atividades comunitárias; expressar individualidade; expressar carinho e amor; demonstrar pertencimento a um grupo; proclamar a distinção de um grupo; significar *status* social; superar estressores emocionais; servir de recompensa ou castigo; reforçar a autoestima e ganhar reconhecimento; exercer poder político e econômico; manifestar piedade ou devoção; prevenir, diagnosticar e tratar doenças físicas; prevenir, diagnosticar e tratar doenças mentais; representar segurança; simbolizar experiências emocionais; expressar sentimentos morais e significar riqueza. Todas essas funções contêm dimensões comunicativas.

A comida serve de instrumento de comunicação, uma vez que ela está impregnada de memória, de histórias antigas e atuais. As práticas alimentares do cotidiano denotam um complexo e contínuo aprendizado, composto pela identificação com um determinado grupo social (ancestrais), ao mesmo tempo em que é permeado pelo novo ambiente e pelas relações ali estabelecidas (Amon & Menasche, 2008; Menasche, 2010). Amon, em parceria com Guareschi e Maldavsky (2005), desenvolveu um estudo, no qual a voz da comida expressa as representações sociais, constituindo um modo significativo de comunicação de afetos, tipos de conhecimento social e sexualidade. A autora e os autores vinculam as representações sociais com as diferentes formas de sexualidade, associando as vozes da comida à linguagem do erotismo das fases psicosssexuais do desenvolvimento do ser humano.

O alimento é prazer sensorial, é ritual, um marcador social, uma experiência estética, uma fonte de significação e metáfora e, frequentemente, uma entidade moral. Ele serve de base para interações diárias, reuniões festivas e familiares, e reflete o status do indivíduo no seu meio (Sovinski, 1999; Santos, 2008). O que se come, com quem se come, quando, como e onde se come distinguem os grupos humanos e revelam sua identidade, revelando ainda as representações sociais dos alimentos e das práticas que os envolvem. O contexto social da alimentação pode influenciar, inclusive, a aprendizagem de uma criança sobre sua sensação interna de fome e saciedade (Ramos & Stein, 2000; Poulain & Proença, 2003). Também auxilia na determinação do que é salutar e do que é esteticamente adequado (Garcia, 1997; Freitas & Pena, 2007; Pacheco, 2008).

A alimentação faz parte, desde muito cedo, do relacionamento da mãe com seu bebê. Ainda na gravidez, o padrão alimentar da gestante interfere na saúde do feto. O tipo e a quantidade de alimento ingerido, geralmente, são definidos pelo especialista, no caso, o obstetra, mas também pela mãe, preocupada com a própria saúde, com a saúde do bebê e influenciada pelas crenças e práticas familiares. Assim, a interação com seu corpo e com seu descendente dependerão de uma multiplicidade de fatores que vão desde a interferência da ciência, da tecnologia, da mídia e da sociedade até os modelos parentais e o tipo de vínculo estabelecido com eles. A amamentação, expressão primordial da alimentação e do afeto, é uma atividade, predominantemente, feminina, por estar ligada ao seio e às glândulas mamárias da mulher, vista em muitas culturas como uma obrigação por parte da mãe – ainda que esta não sinta o desejo de executá-la –, um sinal de que o bebê é bem cuidado e amado, um pré-requisito para que a mãe receba a aprovação alheia e seja vista, parafraseando Badinter (1985; 2011), como uma boa mãe.

Os cuidados com a alimentação também estão associados ao cuidado corporal e, ambos, com a identidade do sujeito e de sua legitimidade. Segundo Le Breton (2012), as significações que fundamentam a existência individual e coletiva nascem do corpo e por ele se propagam. A aparência corporal está relacionada às modalidades simbólicas de organização sob a égide do pertencimento social e cultural do ator. As características corporais podem ser metamorfoseadas com o

propósito de orientar o olhar do outro ou para ser classificado numa categoria moral ou social particular.

A representação da imagem de saúde e beleza está contida no corpo, sendo variável no tempo, no meio e conforme o gênero, sendo que o feminino é o maior alvo dessas prescrições. Da mesma forma, os padrões que diferem o normal do patológico dependem amplamente do seu contexto biopsicossociocultural. Embora a aparência física seja um elemento fundamental da imagem da mulher em diversas épocas e culturas, é na atualidade que ela encontra conotações mais preocupantes. A realidade dos dados é inegável: cresce, diariamente, o número de academias, cirurgias plásticas, procedimentos estéticos e tipos de dietas (Contreras & Gracia, 2011).

A cultura da sensação e da novidade é o esteio pelo qual se difunde a crença de que a felicidade e o conhecimento são adquiridos, principalmente, através do consumo, perfilando, a esta lógica, massivos investimentos na produção da imagem corporal feminina. Assim, o corpo e todo o instrumental utilizado para projetá-lo como símbolo de poder passam a ser perseguidos como bens simbólicos, na tentativa de neutralizar o mal-estar gerado pela fragmentação da identidade, pelo medo do envelhecimento, da morte e da exclusão. Daí decorre a apelação da mídia para temas relacionados à beleza e à aquisição do corpo perfeito, em campanhas, geralmente, acompanhadas de imagens de ícones femininos, atrelando a elas, de forma subliminar, sucesso e bem-estar. O preconceito contra a obesidade e os significados a ela atribuídos, reforçam e mantêm o sistema. Há provas substanciais de que a imagem corporal é um elemento de importância clínica da patologia de comer e a obsessão pelo corpo serve de função defensiva na manutenção da autoestima (Waller, Sines, Meyer & Mountford, 2008; Sopezki & Vaz, 2008; Nunes, Olinto, Barrosa & Camey, 2001).

Stenzel, Saha e Guareschi (2006), em um estudo com adolescentes do sexo feminino, apontam a dieta como único recurso para alcançar a magreza e, conseqüentemente, a inclusão nas relações sociais, gerando, então, um aumento de autoestima e de admiração alheia. Nesse caso, as representações sociais de peso corporal estão associadas à manutenção de baixo peso, o que significa uma

obsessão alimentar, que em casos extremos traduz-se em distúrbios alimentares como a anorexia e a bulimia nervosa. Nessa etapa de desenvolvimento físico e social, as jovens adquiriram poucas realizações, o que limita sua autoavaliação e comparação com os outros. Em decorrência disso, a forma corporal e a aparência física assumem um significado que perpassa o corpo, reforçando a importância das representações sociais (Stenzel, 2003; Stenzel, 2004; Stenzel, Saha & Guareschi, 2006).

Paralelamente, segundo Andrade e Bosi (2003), o aumento das atribuições femininas e das expectativas voltadas ao papel da mulher, produz demasiada insegurança, vulnerabilizando sua identidade, levando-a, na tentativa de resgatar a integridade de sua existência, a buscar, no próprio corpo, o controle perdido. Partindo desse referencial, os estudos sobre gênero são de grande valia no entendimento dessas questões, nas quais a submissão direta ou indireta aos estereótipos vigentes denota a estigmatização e o controle das mulheres (Cabeda, 2004; Cavalcanti, 2005).

Segundo Strey (2001), fazer-se mulher nem sempre supõe o mesmo em diferentes sociedades ou em diferentes épocas. Sob essa perspectiva, Bourdieu (1999), por meio da teoria da dominação masculina – falocentrismo – acentua as estruturas simbólicas na construção social do sexo, que estão calcadas nas especificidades culturais e históricas de gênero. Para o autor, essas estruturas resistem ao longo do tempo e, por serem perduráveis e transferíveis, se encarnam nas estruturas mentais. Um exemplo disso pode ser encontrado na imagem que referencia as mulheres e que gera um padrão a ser seguido: além de boas mães, as mulheres têm que desempenhar, satisfatoriamente, outros papéis e, como se não bastasse, terem corpos perfeitos, invejáveis. Há todo um acercamento de materiais simbólicos na direção da manutenção dos estereótipos de gênero (Strey, 2008). Os anos passam e a expectativa de que a mulher seja atraente, dócil e maternal prossegue. As próprias mulheres assimilam as demandas instituídas pela sociedade, sem, na maioria das vezes, contestar ou mesmo questionar suas dimensões. É como honrar um legado oriundo das esferas macro e microcultural, neste caso, a família.

A preocupação excessiva de algumas mães com a adequação de suas filhas aos padrões estéticos atuais revela, dentre outras coisas, representações sociais de gênero estereotipadas, que conduzem a uma educação focada nos aspectos aparentes. Supondo um *continuum* de preocupação com o corpo e com a alimentação, os transtornos alimentares seriam a sua expressão máxima e doentia, predominante nas sociedades capitalistas (Contreras&Gracia, 2011).

O papel das mães na formação da opinião dos filhos(as) quanto ao valor da aparência, do peso e da forma corporal foi investigado por Ricciardelli e McCabe (2001), cuja conclusão foi que mães de pacientes com distúrbio alimentar tendem a ser mais críticas e preocupadas em relação ao peso de suas filhas, incentivando-as a fazer dieta mais do que as mães de filhas saudáveis. Gowers e Shore (2001) afirmam que a pressão para perder peso, exercida pela mãe, é o principal fator preditivo de insatisfação corporal e do engajamento em estratégias para modificar o corpo em adolescentes de ambos os sexos. De acordo com Ramos e Stein (2000), a tentativa das mães de controlarem e imporem restrições dietéticas para as filhas e não para os filhos, provavelmente, pela pressão social à magreza no sexo feminino, resulta, para as meninas, em falta de oportunidade de aprenderem a autorregular a ingestão energética.

Corroborando com essas constatações, autores (Cordella, Castro, Díaz, Zavala & Lizana, 2009; Cooley, Toray, Wang & Valdez, 2008) apontam que o *feedback* negativo das mães sobre os valores e os padrões alimentares das filhas aumenta, significativamente, as dificuldades dessas em relação a autoestima. Ainda, as mães que apresentaram uma maior interiorização das mensagens da mídia sobre a magreza, tinham mais probabilidade de ter filhas com patologias alimentares.

Os distúrbios alimentares possuem uma etiologia multifatorial, composta de predisposições genéticas, socioculturais e vulnerabilidades biológicas e psicológicas. Entre os fatores predisponentes, destacam-se um padrão alimentar anormal na família de origem, os padrões de interação presentes no ambiente familiar e o contexto sociocultural (Tirico, Stefano & Blay, 2010; Dunker, Fernandes & Filho, 2009; Morgan, Vecchiattia & Negrão, 2002; Marchet al., 2006). Embora o papel dos aspectos socioculturais ainda seja motivo de discussões amplas, sua participação

nos parece indiscutível(Morgan & Azevedo, 1998). Latzer, Witztum e Stend (2008) concluíram que os índices de transtornos alimentares na população israelense varia de acordo com a presença de miscigenação étnica, o grau de exposição às influências ocidentais e a existência de conflitos entre os valores tradicionais e modernos.

O que é considerado saudável e comestível varia de acordo com a disponibilidade de recursos, a influência da ciência, os parâmetros sociais e a cultura do local, dentre outras questões. Assim, comer polenta, salame ou fortaia (uma espécie de omelete) pode ser contraindicado por nutricionistas e médicos, mas para os imigrantes italianos e seus descendentes, são alimentos tradicionais, que fazem parte do seu cardápio e, provavelmente, vistos como benéficos em virtude da significação que carregam. Desta forma, segundo Cavalcanti, Gomes e Minayo (2006), o modo como os profissionais de saúde encaram e contextualizam as práticas alimentares tanto refletem sua própria formação e vivência enquanto sujeitos, quanto integram as práticas no contexto da saúde.

Grande parte das pesquisas no campo biomédico e algumas no campo da psicologia da saúde tendem a olhar o sujeito pelos vieses da normalidade – norma – e da patologia e esse entendimento é evidenciado nos métodos utilizados e na interpretação dos resultados. Apesar disso, esses estudos também são importantes para a compreensão de um maior número de fatores que predispõem, precipitam e mantêm determinadas práticas alimentares, especialmente, quando fogem ao que está instituído como sendo benéfico dos pontos de vista nutricional e psicológico.

Ao discutirmos os reducionismos na abordagem da saúde/doença implicados no discurso biomédico, viabilizamos a compreensão das práticas alimentares sob um prisma bem mais abrangente e profundo, no qual os fatores socioculturais possuem grande relevância. Para tanto, faz-se necessário conhecer as representações sociais dos profissionais envolvidos no atendimento de pessoas de diferentes culturas e etnias, bem como dessas pessoas e de suas idiossincrasias. Entendo que falar de cultura, de crenças, valores e costumes, ligados ou não às práticas alimentares, sem levar em consideração o fenômeno das representações sociais, é o mesmo que falar da mulher, sua trajetória ao longo da história e não



discutir gênero. A teoria das representações sociais está articulada tanto com a vida coletiva de uma sociedade, como com os processos de constituição simbólica, pelos quais os sujeitos dão sentido, compreendem o mundo e encontram seu lugar através de uma identidade social (Jovchelovitch, 1995).

Para Jovchelovitch (1995), os processos que engendram representações sociais estão mergulhados nas práticas sociais e na comunicação, tais como os discursos, os rituais, as formas de trabalho e produção, caracterizados como integrantes da cultura. A junção de experiências e memórias comuns criam as imagens, a linguagem, os gestos que possibilitam tornar o que é estranho em familiar. Essas memórias mantêm-se em movimento pela ancoragem, processo que classifica, ordena, inclui e exclui pessoas, objetos e acontecimentos internamente. Já o processo da objetivação, direcionado para fora – para os outros- viabiliza a elaboração de imagens e conceitos para, então, reproduzi-los no ambiente (Moscovici, 2003).

O conhecimento e a compreensão das práticas alimentares de um determinado grupo são possíveis, somente, mediante a inserção na história do mesmo. Nesse caso, farei um breve relato contextualizando as origens, os acontecimentos e as transformações ocorridas no modo de vida nos imigrantes italianos que se fixaram na região serrana do nosso Estado.

Levando em consideração que a imigração italiana no Brasil, nos séculos XIX e XX, ocorreu pela precariedade de condições de subsistência no país de origem, a aquisição de trabalho, casa e comida e o valor a eles atribuído nortearam a conduta e permearam o imaginário dessa população. Segundo Trento (1989), os imigrantes italianos assimilaram, rapidamente, o ambiente brasileiro e, em contrapartida, os brasileiros, facilmente, acolheram e incorporaram alguns hábitos e costumes trazidos pela imigração. O encontro dessas duas culturas originou, sobretudo nas camadas populares, um processo de verdadeira simbiose, cuja expressão maior constituiu-se na linguagem. Contudo, onde mais se evidenciou a presença italiana foi na alimentação. Na região sul, a polenta é um dos principais pratos provenientes da cozinha italiana e prevalece, até hoje, sobretudo nas regiões dessa colonização.

Houve até quem dissesse que os filhos desses italianos são capazes de esquecer a pátria dos pais, mas nunca esquecem a cozinha das mães (Trento, 1989).

A cultura, segundo Rodrigues (2006), é como um mapa – representação abstrata de um território, que permite decifrá-lo – que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social. Cada cultura tem seu funcionamento, cujos princípios, regras, mitos e valores estão inscritos na identidade. A etnicidade e as tradições são bens simbólicos que operam colonizando semelhanças, despertando afinidades, suscitando adesões, propiciando disputas de sentido (o autêntico, o verdadeiro e, também, o estigmatizado, o oprimido), estabelecendo afastamentos e distâncias, fundando, assim, signos culturais distintivos (Falcão, 2005). No caso das migrações, o impacto acarretado pela imersão em um novo contexto produz consequências, tanto positivas como negativas, dependendo de alguns quesitos. A capacidade de integração e adaptação às circunstâncias do local de destino depende, para LoCascio (2001), de alguns fatores: o nível de formação, a disponibilidade em aprender nova língua (no caso de ser outro país), aceitação dos hábitos e costumes do novo lugar e a distância entre o lugar de origem e o de direção (diretamente proporcional ao sentimento de retorno). Conforme esse autor, quanto mais distante da sua pátria os emigrantes se encontram, mais difícil a volta e mais facilmente há o abandono da ideia de retorno definitivo. Na atualidade, com a globalização, as fronteiras geográficas ficaram bastante permeáveis, oportunizando a divulgação e interação de práticas e saberes diferentes, diminuindo a probabilidade de um isolamento cultural. Na visão de Santos (2000), as identidades culturais não são rígidas nem imutáveis, ainda que pareçam sólidas. As identidades são identificações em curso, do mesmo modo que as representações sociais.

Para os italianos que emigraram para a América Latina entre 1870 e 1920, a situação encontrada no país eleito para residir, ainda que temporariamente, determinou, parcialmente, o desenrolar de cada história. Na primeira metade do século XIX, com a Revolução Industrial, inúmeros pequenos agricultores e artesãos foram arruinados e o crescimento da população tornava difícil conseguir trabalho na Europa. Essas pessoas tiveram que optar entre passar fome, trabalhar como operários nas fábricas ou tentar a vida em outros lugares (Bertonha, 2004). Na Itália, por exemplo, os rendimentos excessivamente baixos condenavam os pequenos

camponeses à pobreza e a terra, normalmente, pertencia ao empregador. Dentre os desacertos econômicos e políticos e o elevado crescimento populacional local, a classe dos pequenos camponeses foi a mais atingida. A emigração transformou-se na única saída para eles. As perseguições políticas e religiosas também contribuíram para a emigração italiana. Os mais afortunados empreendiam essa aventura junto com a família, enquanto que a maioria era somente homens, que esperavam, temporariamente, enviar dinheiro aos seus entes e juntar-se a eles, posteriormente, em sua terra natal, após terem enriquecido (Khatchikian & Murray, 1996; Franzina, 2006).

A imigração, além de ser um fenômeno de massas, é um deslocamento de diversas pessoas em diferentes espaços e tempos, qualificadas social, econômica, política e culturalmente (Constantino, 2006). Entre 1870 e 1920, aproximadamente, um milhão e trezentos mil italianos deixaram seu continente para se fixarem no Brasil, em razão de várias circunstâncias. Da parte dos imigrantes, havia expectativa de melhores condições de vida devido à difícil situação de sobrevivência em que se encontravam, alimentada por promessas reais ou ilusórias dos agenciadores e pela fama de vida fácil na América. Da parte das autoridades, dos latifundiários e dos intelectuais brasileiros, havia interesse em suprir a demanda de mão-de-obra ocasionada pelas restrições para a manutenção do trabalho escravo, em ocupar e valorizar regiões pouco habitadas, somado ao atrativo de regenerar a população local, segundo padrões de eugenia e de uma concepção de trabalho voltada aos ideais de civilização e progresso nos moldes europeus (Falcão, 2005; Franzina, 2006). A falta de mão-de-obra nas lavouras de café, açúcar, fumo e mate, com o fim do tráfico negreiro, levou os fazendeiros a adotarem medidas para atrair estrangeiros a fim de suprir essa demanda.

Confinados em navios, tiveram que sobreviver sem condições de higiene. Marcados pelo sofrimento, os imigrantes aportaram em solo brasileiro. A dor de terem visto corpos das vítimas de febre epidêmica serem lançados ao mar, o medo e a tensão foram guardados na memória. Diante desse traumatismo psicológico, somaram-se outras frustrações, dentre as quais a fome, as más condições encontradas nos barracões de recebimento, a falta de transportes, de estradas, de meios de comunicação, de moradia (Otto, 2005; Franzina, 2006).

Muitos imigrantes tiveram seus destinos vinculados à lavoura cafeeira em São Paulo ou aos estabelecimentos industriais que estavam sendo criados nos maiores centros urbanos, enquanto que outros estabeleceram núcleos coloniais baseados na pequena propriedade familiar no sul do país. Alguns deles prosperaram em nível sócioeconômico, contudo a grande maioria permaneceu na condição de trabalhador assalariado (rural ou urbano) ou como camponês dedicado, principalmente, à produção de subsistência (Falcão, 2005; Franzina, 2006). O governo e as companhias colonizadoras endividaram os italianos por 10 anos, dívida resultante da comida e das ferramentas que lhes foram concedidas na chegada. O mito da cocanha, isto é, o sonho de enriquecimento fácil, foi frustrado (Otto, 2005).

O Rio Grande do Sul acolheu 100 mil imigrantes nesse período, provenientes, sobretudo, de Piemonte, Lombardia e, principalmente, de Vêneto. Apesar de a agricultura inicial ser marcada por culturas de sobrevivência, os pequenos proprietários de terra tornaram-se pequenos produtores através da mão-de-obra familiar. Com o tempo e o trabalho intenso, a maioria dos colonos conseguiu progredir, levando uma vida modesta e sacrificada (Bertonha, 2004; Herédia, 2005). O plantio de frutas temperadas como marmelos, peras, maçãs e uvas também mereceu destaque nessa região. Todavia, a cultura de sustentação da colônia italiana foi o milho e a base da alimentação do colono, a polenta. Esse costume provinha da velha Itália, por ter sido a polenta a base da alimentação da classe agrícola italiana. Com a implantação das vinhas, a viticultura caracterizou a economia local como fonte de lucros, ultrapassando o consumo doméstico, e caracterizando-se como uma das principais culturas permanentes da região e como o principal produto comercial (Herédia, 2005). Com a abertura de estradas, a situação melhorou, favorecendo o comércio dos produtos e a aquisição de bens materiais.

O isolamento dos imigrantes oriundos da Itália, mais especificamente do Vêneto, colaborou para a conservação daqueles costumes, dentre os quais a língua, o catolicismo, o modelo de família e a alimentação (com ênfase na polenta, na massa e no vinho), que ganharam destaque. A partir de núcleos coloniais, foram criadas cidades como Caxias do Sul e Bento Gonçalves (Bertonha, 2004). Nas comunidades de ascendência italiana do sul do Brasil, nas quais as condições socioeconômicas eram melhores, havia maior oferta de alimentos tanto em

quantidade, como em variedade, principalmente, nos dias festivos. A religiosidade, mais precisamente a influência do catolicismo, era marcante, inserida na rotina dessas pessoas (Simoni, 2005).

A preocupação da Itália em garantir os vínculos dos filhos e netos dos seus cidadãos instalados no exterior com a pátria de origem gerou o *jus sanguinis*. Por esse sistema, a cidadania não provém do lugar de nascimento, e sim do sangue, da origem. Por esse conceito, filhos e netos de italianos que nasceram no Brasil de pais ou avós italianos, chamados *oriundi*, têm direito à cidadania italiana. Essa questão outrora controversa, hoje é solucionada pela possibilidade de dupla cidadania (Bertonha, 2004). O reconhecimento desse pertencimento contribui para o reforço identitário das pessoas de ascendência italiana.

Os imigrantes, em geral, tentaram preservar e reconstruir vínculos com pessoas da mesma origem residindo em locais próximos, por meio de associações e atividades em grupo, movimento característico de todas as migrações antigas e atuais, afirma Bertonha (2004). Atualmente vivem no estado, aproximadamente, 36 mil italianos e cinco milhões de descendentes, que mantêm hábitos culturais e alimentares de seus ancestrais.

A simbologia do imigrante italiano como ostentador de uma mesa farta não condiz com a imagem do pioneiro, cuja vivência era de privação. A fartura se transformou em um símbolo da ítalo-brasilianidade, elemento de prosperidade e sucesso da empreitada imigrantista (Zanini, 2007; Santos & Zanini, 2008). Nesse contexto, a comida desempenhou um papel adscritivo fundamental na construção das memórias coletivas e, ainda hoje, é considerada um importante demarcador étnico, representante da capacidade produtiva e generosa das pessoas e da terra (Zanini, 2007; Santos & Zanini, 2008). Como prova disso, temos as festas da uva, em Caxias do Sul, e do vinho, em Bento Gonçalves, cujas propagandas aludem à fartura e à abundância de alimentos tipicamente coloniais. Entre os descendentes de italianos, o preparo da comida revela parte do interior da pessoa e sua forma de se relacionar com aqueles para quem a faz. Isso inclui o tempo despendido, o cuidado na elaboração e a satisfação com a tarefa; quanto maior, melhor (Zanini, 2007).

Nesse processo histórico, as mulheres foram protagonistas da manutenção de valores, tradições e costumes étnicos, inclusive na culinária. Elas ensinaram, mais do que receitas, posturas para a vida: quem deveria ser servido primeiro, para quem seria destinado o melhor pedaço de alimento, como servir as visitas, onde sentar, com quem falar, sobre o que falar e sobre como uma “boa mulher italiana” deveria se comportar dentro e fora de casa (Santos & Zanini, 2008). Conforme Santos (2007), à mulher é atribuída a transmissão intergeracional do capital cultural. Mães e avós carregam a função de educar filhos e netos nos princípios da família e da cultura em que estão inseridos. Particularmente, na cultura enfocada, o arquétipo da grande mãe e da maternidade é uma constante, refletindo a imagem feminina universal da mulher como eterno ventre e provedora, demonstrando a força e a permanência desse estereótipo de gênero.

Na cultura dos imigrantes italianos, a relação entre hospitalidade, bem-querer, cuidado e preocupação é explicitada na mesa farta e na boa mãe contextualizada. O fortalecimento dos vínculos, através do trabalho em família e da aproximação de pessoas da mesma etnia, que se encontravam nas mesmas condições, possibilitou a manutenção de um legado e da saúde mental de muitos dos envolvidos nesse processo inicial.

Para promover uma interseção entre essa bagagem teórica, os estudos de gênero servirão de alicerce, ao lado da teoria das representações sociais, para as discussões e compreensões dos artigos aqui propostos, visto que não vislumbro a reflexão acerca de temas como identidade, cultura, família e maternidade, sem a contextualização histórica, social, política e econômica dos mesmos, e seus cruzamentos com os papéis e lugares ocupados pelas mulheres no decorrer dos tempos. Neste estudo, em especial, as figuras da *nonna* e da *mama* são exemplos de mulheres cujo papel principal era cuidar da família e educar filhos e netos, transmitindo conteúdos intergeracionais como valores, mitos, crenças e tradições, mas, também, papéis de gênero designados dentro e fora da família. Um deles corresponde à função de bem alimentar os seus, considerada primordial a uma boa mãe/avó, caracterizando, ainda hoje, o tipo de vínculo e a imagem das mesmas, guiando a conduta de muitas mulheres desta e de outras etnias.

A teoria das representações sociais e as teorias de gênero são complementares no entendimento do sujeito, sua cultura e suas relações. Elas se aproximam em algumas premissas, tais como, tecerem críticas ao binarismo que antepõe natureza e cultura, razão e emoção, objetivo e subjetivo, pensamento e ação, ciência e senso comum, afirmando a importância das dimensões subjetiva, afetiva e cultural na construção do saber e nas ações humanas, bem como no fazer científico. Ambas propõem teorias relacionais, em que não se pode conhecer sem estabelecer relação entre o tema/objeto e o seu contexto, até porque gênero é uma categoria relacional (Arruda, 2002).

A relevância desta pesquisa vem ao encontro de seus objetivos, ou seja, reside na exploração da relação entre afeto e alimento para imigrantes italianos e seus descendentes e suas repercussões nos padrões alimentares, na identidade de gênero e na formação dos vínculos entre pessoas da região investigada, tema que não foi suficientemente explorado. O desafio ao qual me proponho, ao longo desta tese, está na interlocução de referenciais teórico-práticos distintos, ou seja, entre a psicologia da saúde e a psicologia social, com ênfase nas representações sociais e nos estudos de gênero. E é com esta ideia que intenciono não a convergência, mas a complementaridade, supondo que a visão do todo é mais enriquecedora e que não há verdade absoluta, nem a necessidade de dicotomias.

A tese em si foi de delineamento qualitativo, com cunho exploratório. O grupo de participantes composto pelas profissionais da nutrição foi formado pelo rastreamento via planos de saúde, internet e por indicação entre elas. Já o grupo das participantes que recebiam acompanhamento nutricional formou-se pelo convite das próprias nutricionistas às suas pacientes. Aquelas que aceitaram foram, então, contatadas por mim. Todas as integrantes da pesquisa eram maiores de idade.

A investigação desta tese foi conduzida mediante a aceitação espontânea das participantes, com preservação de suas identidades, e depois da aprovação da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS e do Comitê de Ética da mesma instituição. Convém ressaltar que esse trajeto só foi possível graças ao auxílio da bolsa de estudos PROBOLSAS-PUCRS, que arcou com as mensalidades

do curso. Apresento, a seguir, três dos quatro artigos construídos, até agora, com os resultados da investigação.

Artigo 1 –Este artigo trata da percepção de mulheres, profissionais da área da nutrição, acerca de suas pacientes/clientes, que estão em processo de reeducação alimentar e que possuem ascendência italiana. Também aborda a visão delas sobre saúde, doença, hábitos e práticas em torno da alimentação. As informações foram coletadas através de uma entrevista semiestruturada (Apêndice A) e os resultados passaram por uma análise de conteúdo temática, tendo como base a psicologia social, com ênfase nos estudos de gênero e nas representações sociais.

Artigo 2 – Este estudo tem como principal objetivo investigar a importância da mulher na transmissão cultural, dentro e fora da família, especialmente, em uma comunidade de origem italiana. Para tanto, o instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada (Apêndice B), realizada com vinte e duas mulheres que recebem acompanhamento nutricional personalizado. As respostas passaram por uma análise de conteúdo temática voltada para a psicologia social, cuja ênfase reside nas representações sociais e nos estudos de gênero.

Artigo 3 – Este artigo versa sobre a interferência de fatores étnico-culturais e emocionais no processo de reeducação alimentar monitorado de vinte e duas mulheres de ascendência italiana. A coleta de dados se deu através de uma entrevista semiestruturada (Apêndice B) e as informações encontradas passaram por uma análise de conteúdo temática, que, posteriormente, foram discutidas à luz da psicologia social e da psicologia da saúde.



## **2. ESTRUTURA DA TESE**

A presente tese está estruturada na forma de três artigos, que são:

Artigo 1- Hábitos Alimentares, Saúde e Cultura: o olhar de profissionais da nutrição em uma cidade de colonização italiana, formatado conforme as normas da Revista de Nutrição (Anexo A), para a qual foi enviado.

Artigo 2- Família e Transgeracionalidade Cultural: o papel da mulher na transmissão de valores e costumes, formatado conforme as normas da Revista Aletheia (Anexo B), para a qual foi enviado.

Artigo 3- A Interferência de Fatores Emocionais e Étnico-Culturais na Reeducação Alimentar de Mulheres com Ascendência Italiana, formatado conforme as normas da Revista Análise Psicológica (Anexo C), para a qual foi enviado.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minhas inquietações acerca de toda a simbologia contida no alimento e em seu entorno conduziram para a ampliação do meu olhar subjetivo a outras áreas além da psicologia social. Decidi correr o risco de me perder durante este percurso, disposta a me achar até o momento final. Como psicóloga clínica, utilizei-me de referenciais da área da saúde para explicar um pouco dos problemas e dificuldades ligados à alimentação, os quais percebo em minhas pacientes e que, também, aparecem nos consultórios das nutricionistas entrevistadas, despertando o meu interesse pelo tema. Todavia, como minha intenção era ousar, achei pertinente a compreensão por esse viés, tendo como norte a composição biopsicossocial do indivíduo.

Outra motivação, e certamente a maior de todas, advém da minha história, das minhas raízes, da minha etnia. Morei, até poucos anos, nessa mesma comunidade formada por descendentes de imigrantes italianos, e vivenciei muitas situações relatadas pelas participantes. Lembro, até hoje, que vim morar na capital para fazer o curso pré-vestibular e a faculdade e passava semanas sem visitar a minha família e a minha terra. Mas, quando chegava para vê-los, se não haviam preparado ao menos um de meus pratos favoritos, ficava profundamente sentida, magoada, até chorava, pois entendia essa atitude como falta de amor, de preocupação e de cuidado. Com o tempo e a psicoterapia, fui me dando conta da rede de significados inseridos nas práticas alimentares na minha família, no meu grupo de amigas(os), nos meus locais de trabalho, nos ambientes que frequentava e interagia ou apenas observava. Obviamente, que fatores pessoais atribuíam um peso maior a minha leitura das refeições, porém, essa forma peculiar de demonstração de afeto não se restringia ao meu núcleo familiar.

Poulain (2006) analisa a alimentação dentro de um contexto denominado de espaço social alimentar, no qual a biologia e a cultura se une e encaminham para a estruturação da organização social. Nesse espaço, rituais que envolvem a preparação e o consumo dos alimentos indicam identificação e pertencimento a um grupo e ao seu meio. Ao estudar o espaço social alimentar considerei, assim como esse autor, as práticas correspondentes aos comportamentos dos comedores e suas

representações, apresentadas nos discursos que as determinam e justificam. Por carregarem um valor simbólico e mergulharem na cultura, as práticas alimentares imprimem representações sociais onde se apresentam. O saber do senso comum e do cotidiano define, para o sujeito, uma visão de mundo e o direciona a ações e estratégias, que desenvolve em seu meio social (Queiroz, 2000).

Conforme Stefanello (2008), o primeiro lócus das práticas alimentares, espaço de compartilhar e construir identidades, é a família. E, nesse núcleo, são as mães que, comumente, são responsáveis pela introdução dos alimentos à prole, começando pela amamentação e seguindo com o preparo e oferecimento da comida. Cabe, então, à figura materna o ensinamento das práticas alimentares, bem como de grande parte da educação referente aos hábitos, crenças, valores e comportamentos daquele grupo e da sociedade na qual o sujeito está inserido, dado encontrado na literatura sobre o assunto e, igualmente, neste trabalho. A mãe, assim como o pai – ou quem exercer essas funções – servem de modelo e de vetor na transmissão da micro e macrocultura. Esse processo de ensino-aprendizagem carrega uma história transgeracional, composta por conteúdos inconscientes e naturalizados, que norteiam os pensamentos, as emoções e as ações das pessoas. São saberes adquiridos pela observação, convivência e experiências.

Na comunidade investigada nesta pesquisa, a comida e as práticas em torno dela estão, estreitamente, atreladas às representações que aquelas pessoas têm do que é uma boa alimentação. E a dimensão do que é bom, tratando-se de práticas alimentares, abrange aspectos nutricionais associados à saúde de pontos de vista diferentes: crenças das participantes que realizam reeducação alimentar sobre o que é saudável em termos quantitativos e qualitativos, antes e durante esse processo; crenças das participantes pertencentes à área da nutrição e crenças da comunidade de origem italiana sobre os mesmos termos. Ainda, a mesma dimensão abarca aspectos afetivos e sociais, referentes às relações interpessoais, mais especificamente, crenças sobre as maneiras e vias de comunicação de afetos, desafetos, emoções positivas e negativas e condutas adequadas ou não em cada situação, na qual o alimento é um dos elementos inseridos, primária ou secundariamente.

As práticas alimentares transparecem na saúde e no corpo, gerando insatisfação e investimento maciço em maneiras de transformá-lo. As nutricionistas entrevistadas afirmaram que a maior procura pelo seu serviço é feminina e por motivos estéticos, corroborando o que é noticiado pela mídia e pela comunidade acadêmica. Esse desejo de pertencer ao time das mulheres satisfeitas com a aparência ocorre, simultaneamente, à vontade de se inserir na cultura familiar e local, podendo desencadear conflitos de identidade e momentos de angústia, de “pressão psicológica”, que explicariam as autosabotagens nas dietas e a esquiva da convivialidade. Em contrapartida, é igualmente difícil para o ambiente – entende-se aqui o grupo familiar e social – assimilar e acomodar atitudes contrárias, valores e ideias novas, que, muitas vezes, invalidam a sabedoria popular daquelas pessoas – seu código referencial, suas representações sociais.

Parece que os padrões corporais e alimentares, na era contemporânea, são de extrema importância nos quesitos bem-estar, autoestima, pertencimento e reconhecimento, sobretudo para as mulheres, por estas serem mais cobradas na obtenção de atributos físicos e cuja posse garante visibilidade. Algumas vezes, porém, essa busca é capaz de desencadear condutas extremas, irracionais, prejudiciais à saúde física e emocional, como no caso dos transtornos alimentares. Se pensarmos na ênfase dada ao papel das mães na transmissão dos valores, crenças e hábitos, será possível interpretar a simbologia do alimento e seus reflexos no corpo sob o prisma transgeracional, coadunando com alguns achados expostos na introdução desta tese. De um lado, mães que influenciam as filhas na preocupação acentuada com a aparência corporal e o peso; de outro, mães preocupadas em alimentá-las o suficiente, a ponto de induzir a uma ingestão excessiva. A priori, uma mãe vai querer para a filha aquilo que julga ser o melhor e necessário para o seu bem-estar e adequação ao meio em que vive, com fins de que seja aceita e sinta-se feliz. Como não absorver os ditames da sociedade e não passá-los adiante, ainda que o custo seja um tanto quanto elevado, uma vez que a “felicidade” e o “sucesso” estão em jogo? E se a aceitação, ao invés de condicionada a um corpo esbelto, depender de uma mesa farta?

Talvez a necessidade de ser olhada, aceita e valorizada também esteja, assim como as práticas alimentares na cultura italiana estudada, interligada ao

passado e vai além das questões corporais. Passado de sofrimento, submissão, desigualdades, privações, tanto para as mulheres imigrantes italianas, com as limitações na vinda da Itália e a construção de uma vida mais favorecida no Brasil, como às demais mulheres, com as quais compartilham uma história da qual todas fazem parte, que transcende o tempo e o espaço, cujo protagonista principal era sempre masculino.

Após o término dos artigos aqui apresentados, pude constatar que as representações sociais sedimentadas nas práticas alimentares transpassam diversos aspectos, que vão desde a reeducação alimentar proposta pelas profissionais, e executadas pelas suas pacientes/clientes, até os costumes e as crenças acerca das mesmas, passando pelas relações interpessoais e pela carga emocional nelas contidas. O equilíbrio entre o discurso médico-nutricional e o discurso cultural pode ser a chave para uma vida sem culpas, restrições e exclusões. Isso vale tanto para as nutricionistas, quando prescreverem uma dieta, como para quem quiser modificar seu corpo e seus hábitos. Acredito que, com esse posicionamento, há mais chances de se alcançar as metas estipuladas, sem transformações radicais e sem rompimentos sofridos e desnecessários.

Valho-me de um dos pressupostos da teoria das representações sociais, lembrado por Guareschi e Roso (2014), para justificar minha tentativa de trazer o individual para o social neste trabalho, descartando a dicotomia e o antagonismo da concepção de realidade social, encarando o indivíduo e o grupo como uma só entidade. O mundo psíquico partilhado entre as participantes desta pesquisa e sua comunidade é que trazem sentido as suas vidas e à tese aqui apresentada.

#### 4. REFERÊNCIAS

AMON, D.& Menasche, R.. Comida como narrativa da memória social. **Goiânia, Sociedade e Cultura**. 2008, v. 1, n. 1, p. 13-21.

AMON, D.; Guareschi, P. & Maldavsky, D..La psicologia social de la comida: una aproximacion teorica y metodologica ala comida y lãs practicas de La alimentacion como secuencias narrativas. **Subjetividad y Procesos Cognitivos**.2005, v. 7, p. 45-71.

ANDRADE, A. & Bosi, M. L.. Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino. **Revista de Nutrição**, v. 16, p.117-125, 2003.

ARRUDA, A.. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**. v. 17, n. 117, p. 127-147, 2002.

BAAS, M. A.; Walkfield. L. M. &Kolasa, K. M.. Community Nutrition and Individual Food Behaviour.In: CONTRERAS, J. & GRACIA, M. **Alimentação, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. 495 p.

BADINTER, E..**Um Amor Conquistado**: O mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 370 p.

\_\_\_\_\_, E..**O Conflito**: A mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011. 222 p.

BERTONHA, J. F.. **A imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2004. 63 p.

BORDIEU, P.. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 160p.

CABEDA, S.. A Ilusão do Corpo Perfeito: O discurso médico na mídia. In: STREY, M.; Cabeda, S. &Prehn, D. (Org). **Gênero e Cultura: Questões contemporâneas**. Porto Alegre, 2004, p. 149-172

CAVALCANTI, D. R. M.. O surgimento do conceito “corpo”: Implicações da modernidade e do individualismo. **CAOS- Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 9, p. 53-60,2005.

CAVALCANTI, L. F.; Gomes, R.; Minayo, M.C.S.. Representações sociais de profissionais de saúde sobre violência sexual contra a mulher: estudo em três maternidades públicas municipais do Rio de Janeiro, Brasil. **Caderno Saúde Pública**, v. 22, n. 1, p. 31-39, 2006.

CONSTANTINO, N. S.. Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 1, n. 32, p. 63-73, 2006.

CONTRERAS, J. &Gracia, M.. **Alimentação, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. 495 p.

COOLEY, E. etalli. , N..Maternal effects on daughters' eating pathology and body image.**EatingBehaviors**, v. 9, n. 1, p. 52-61, 2008.

CORDELLA, P. etalli. Las madres de adolescentes y jóvenes chilenos con transtornos alimentarios.**Revista Médica de Chile**, v. 137, n. 6, p.785-790, 2009.

DUNKER,K.; Fernandes, C. & Filho, D. . Influência do nível socioeconômico sobre comportamentos de risco para transtornos alimentares em adolescentes. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v.58, n.3, p. 156-161, 2009.

FALCÃO, L. F.. Brasileiros e Italianos: Reflexões sobre a instituição de uma identidade italiana no Brasil contemporâneo. In: Radin, J. C. (org.). **Cultura e Identidade Italiana no Brasil: Algumas abordagens**. Joaçaba,, 2005, p. 55-74.

FISCHLER, C. & Masson, E..**Comer**: A alimentação de franceses, outros europeus e americanos. São Paulo: Senac São Paulo, 2010. 360 p.

FRANZINA, E..**A Grande Emigração**: O êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. 472 p.

FREITAS, M. do C. & Pena, P..Segurança alimentar e nutricional: a produção do conhecimento com ênfase nos aspectos da cultura. **Revista de Nutrição**, v. 20, n. 1, p. 69-81, 2007.

GARCIA, R.. Representações sociais da alimentação e saúde e suas repercussões no comportamento alimentar. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 7, n. 2, p. 51-68, 1997.

GOWERS, S. & Shore, A.. Development of weight and shape concerns in the aetiology of eating disorders. **British Journal of Psychiatry**, n. 179, p. 236-242, 2001.

GUARESCHI, P. A. & Roso, A.. Teoria das Representações Sociais – sua história e seu potencial crítico e transformador. In: CHAMON, E. M. Q. O.; Guareschi, P. A.; Campos, P. H. F. (Orgs.). **Textos e debates em representação social**. Porto Alegre: ABRAPSO, 2014. p. 17-40.

HERÉDIA, V.. Fundamentos Socioeconômicos do Desenvolvimento da Zona Colonial Italiana no Rio Grande do Sul. In: Radin, J. C. (org.). **Cultura e identidade italiana no Brasil**: Algumas abordagens. Joaçaba, 2005,p. 297-313.

JOVCHELOVITCH, S.. Vivendo a Vida com os Outros: Intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: Guareschi, P. & Jovchelovitch, S. 1995. **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 63-85.

KHATCHIKIAN, M. & Murray, M. C..La inmigracion italiana a Mar Del Plata. Mar del Plata, **FACES - Facultad de Ciencias Económicas y Sociales**, n. 3, p. 29-51, 1996.



LATZER, Y.; Witztum, E. & Stend, D.. Eating disorders and disordered eating in Israel: an updated review. **European: Eating Disorders Review**, v. 16, n. 5, p. 361-74, 2008.

LE BRETON, D.. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2012.102 p.

LO CASCIO, V..**Imaginário e integração de los italianos en Latinoamérica**. 2001. Disponível em: <<http://www.escritorasyescrituras.com/cv/locasio.pdf>>. Acesso em 20 nov 2012.

MARCH, J. C. et al. Transtornos de La Conducta Alimentaria: Opiniones y expectativas sobre estrategias de prevención y tratamiento desde la perspectiva de diferentes actores sociales. **Nutrición Hospitalaria**, v. 21, n. 1, p. 4-12, 2006.

MENASCHE, R.. Campo e Cidade, Comida e Imaginário: Percepções do rural à mesa. **Ruris**, v. 3, n. 2, p. 195-218, 2010.

MORGAN, C.; Vecchiatti, I. & Negrão, A.. Etiologia dos transtornos alimentares: aspectos biológicos, psicológicos e sócio-culturais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 24, supl. III, p. 18-23, 2002.

MORGAN, C. M. & Azevedo, A. M. C. de. Aspectos sócio-culturais dos transtornos alimentares. **Psychiatry On-line Brazil**, v. 2, n. 3, p.1-7, 1998. Disponível em: <<http://priory.com/psych/culture.htm>>. Acesso em: 15 outubro de 2012.

MOSCOVICI, S.. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.404 p.

NUNES, M. A. et al. Influência da percepção do peso e do índice de massa corporal nos comportamentos alimentares anormais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 23, n. 1, p. 21-27, 2001.

OTTO, C.. As cicatrizes da emigração. In: Radin, J. C. (Org.). **Cultura e identidade italiana no Brasil: Algumas abordagens**. Joaçaba, 2005, p. 225-242.

PACHECO, S.. O hábito alimentar enquanto um comportamento culturalmente produzido. In: FREITAS, M. do C.; Fontes, G. & Oliveira, N. (Org.). **Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura**. Salvador, 2008, p. 217-238.

POULAIN, J.P..**Sociologias da Alimentação**: Os comedores e o espaço social alimentar. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.311 p.

QUEIROZ, M. S.. Representações Sociais: Uma perspectiva multidisciplinar em pesquisa qualitativa. In: BARATA, R.B. & Briceño-Leon (Orgs.). **Doenças Endêmicas**: Abordagens sociais, culturais e comportamentais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. p. 27-46.

RAMOS, M. & Stein, L.. Desenvolvimento do comportamento alimentar infantil. **Jornal de Pediatria**, v. 76 (supl. 3), p. 229-237, 2000.

RICCIARDELLI, L. & McCabe, M.. Children's Body Image Concerns and Eating Disturbance: A review of the literature. **Clinical Psychology Review**, v. 21, n. 3, p. 325-344, 2001.

RODRIGUES, J. C.. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006. 154 p.

SANTOS, B. S.. **Pela Mão de Alice**: O social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez. 2000.350 p.

SANTOS, L. A. S.. Os Programas de Emagrecimento na Internet: Um estudo exploratório. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 17, n. 2, p. 353-372, 2007.

\_\_\_\_\_, L. A. S.. A questão alimentar na trajetória do pensamento antropológico clássico. In: FREITAS, M. do C.; Fontes, G. & Oliveira, N. (Org.). **Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura**. Salvador, 2008, p. 277-303.

\_\_\_\_\_, L. A. S.. Da dieta à reeducação alimentar: algumas notas sobre o comer contemporâneo a partir dos programas de emagrecimento na Internet. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 20, n. 2, p. 459-474, 2010.

SANTOS, M. O.. A mulher e a reprodução social da família. **Revista Ártemis**, v.7, p. 88-92, 2007.

\_\_\_\_\_, M. O.;Zanini, M. C. C.. Comida e simbolismos entre imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. **Caderno Espaço Feminino**, v. 19, n. 1, p. 255-284, 2008.

SIMONI, K. . Memória e Festa: lazer e diversão entre os migrantes italianos no oeste catarinense. In: RADIN, J. C. (org.). **Cultura e Identidade Italiana no Brasil: Algumas abordagens**. Joaçaba, 2005, p. 279-296.

SOPEZKI, D.& Vaz, C.. O impacto da relação mãe-filha no desenvolvimento da autoestima e nos transtornos alimentares. **Interação em Psicologia**, v. 12, n. 2, p. 267-275, 2008.

SOVINSKI, S. R.. **Psicodinâmica da Alimentação**. São Paulo. 1999. 35 p. Monografia não publicada, Curso de Especialização em Motricidade Oral, Centro de Estudos Fonoaudiológicos e Aperfeiçoamento, Brasil.

STEFANELLO, J..**Representação social de mulheres/mães sobre as práticas alimentares de crianças menores de um ano**. Ribeirão Preto. 2008. 198 p. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Brasil.

STENZEL, L. M.; Saha, L. & Guareschi, P.. To be fat or thin? Social representations of the body among adolescent female students in Brazil.**International Education Journal**, v. 7, n. 5, p. 611-631, 2006.

STENZEL, L. M.. **Obesidade: O peso da exclusão**. Porto Alegre: EDIPUCRS,2003. 124 p.

\_\_\_\_\_, L. M.. Servir (Vir a Ser): O imperativo do corpo magro na contemporaneidade. In: STREY & Cabeda, S. (Org.). **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 179-194.

STREY, M. N. Encenando Gênero: a mediação da cultura no dia-a-dia das mulheres. In: Strey, M. et al. (Org.). **Encenando Gênero**: Cultura, arte e comunicação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 07-21.

\_\_\_\_\_. Violência e gênero: um casamento que tem tudo para dar certo. In: GROSSI, P. & Werba, G. (Org.). **Violências e Gênero**: coisas que a gente não gostaria de saber. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 47-69.

TIRICO, P.; Stefano, S. & Blay, S.. Qualidade de vida e transtornos alimentares: uma revisão sistemática. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 26, n. 3, p. 431-449, 2010.

TRENTO, A.. **Do Outro Lado do Atlântico**: Um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Livraria Nobel S.A., 1989. 574 p.

WALLER, G. et al. Body checking in the eating disorders: association with narcissistic characteristics. **Eating Behaviors**, v. 9, n. 2, p. 163-169, 2008.

ZANINI, M. C. C.. Um olhar antropológico sobre fatos e memórias da imigração italiana. **Mana**, v. 13, n. 2, p. 521-54, 2007.

## ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DO RIO GRANDE  
DO SUL - PUC/RS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Alimentação, Corpo e Afeto: um estudo de gênero e etnia

**Pesquisador:** Marlene Neves Strey

**Área Temática: Versão:** 1

**CAAE:** 15568113.9.0000.5336

**Instituição Proponente:** UNIÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E ASSISTENCIA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 260.497

**Data da Relatoria:** 19/04/2013

**Apresentação do Projeto:** O projeto visa analisar as influências das tradições italianas das refeições e alimentos típicos nos costumes alimentares atuais de mulheres italianas em orientação nutricional e na conduta de nutricionistas de origem italiana. Relacionar os valores, mitos e costumes alimentares com a sociedade atual em cidade de colonização italiana.

**Objetivo da Pesquisa:** Verificar o valor da alimentação e costumes dos imigrantes italianos na atualidade.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:** Estudo muito interessante para o melhor conhecimento do impacto dos costumes nas novas gerações. Sem riscos por tratar-se somente de utilização de entrevistas consentidas.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:** Estudo elegante e importante para avaliar alimentação, costumes e etnia.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:** Adequados.

**Recomendações:** Em condições de aprovação.

**Endereço:** Av. Ipiranga, 6681 **Bairro:**

**Município:** PORTO ALEGRE **UF:** RS

**Telefone:** (51)33320--3345 **Fax:** (51)3320--3345 **E-mail:** cep@puhrs.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE  
CATÓLICA DO RIO GRANDE  
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 260.497

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem pendências.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

PORTO ALEGRE, 01 de Maio de 2013.

---

Assinado por: Caio Coelho Marques

(Coordenador)

**Endereço:** Av. Ipiranga, 6681

**Bairro:**

**CEP:** 90.619-900

**UF:** RS

**Município:** PORTO ALEGRE

**Telefone:** (51)3320--3345

**Fax:**(51)3320--3345

**E-mail:**cep@pucrs.br

## ANEXO B – NORMAS DE PUBLICAÇÃO DA REVISTA DE NUTRIÇÃO



ISSN 1415-5273 *versão impressa*  
ISSN 1678-9865 *versão on-line*

### INSTRUÇÕES AOS AUTORES

- [Escopo e política](#)
- [Categoria dos artigos](#)
- [Pesquisas envolvendo seres vivos](#)
- [Registros de Ensaio Clínicos](#)
- [Procedimentos editoriais](#)
- [Conflito de interesse](#)
- [Preparo do manuscrito](#)
- [Lista de checagem](#)
- [Documentos](#)

### Escopo e política

A **Revista de Nutrição** é um periódico especializado que publica artigos que contribuem para o estudo da Nutrição em suas diversas subáreas e interfaces. Com periodicidade bimestral, está aberta a contribuições da comunidade científica nacional e internacional.

Os manuscritos podem ser rejeitados sem comentários detalhados após análise inicial, por pelo menos dois editores da **Revista de Nutrição**, se os artigos forem considerados inadequados ou de prioridade científica insuficiente para publicação na Revista.

### Preparo do manuscrito

#### Submissão de trabalhos

Serão aceitos trabalhos acompanhados de carta assinada por todos os autores, com descrição do tipo de trabalho e da área temática, declaração de que o trabalho está sendo submetido apenas à Revista de Nutrição e de concordância com a cessão de direitos autorais e uma carta sobre a principal contribuição do estudo para a área.

Caso haja utilização de figuras ou tabelas publicadas em outras fontes, deve-se anexar documento que ateste a permissão para seu uso.

Enviar os manuscritos via site <<http://www.scielo.br/rn>>, preparados em espaço entrelinhas 1,5, com fonte Arial 11. O arquivo deverá ser gravado em editor de texto similar ou superior à versão 97-2003 do Word (Windows).

É fundamental que o escopo do artigo **não contenha qualquer forma de identificação da autoria**, o que inclui referência a trabalhos anteriores do(s) autor(es), da instituição de origem, por exemplo.

O texto deverá contemplar o número de palavras de acordo com a categoria do artigo. As folhas deverão ter numeração personalizada desde a folha de rosto (que deverá apresentar o número 1). O papel deverá ser de tamanho A4, com formatação de margens superior e inferior (no mínimo 2,5cm), esquerda e direita (no mínimo 3cm).

Os artigos devem ter, aproximadamente, 30 referências, exceto no caso de artigos de revisão, que podem apresentar em torno de 50. Sempre que uma referência possuir o número de *Digital Object Identifier* (DOI), este deve ser informado.

**Versão reformulada:** a versão reformulada deverá ser encaminhada via <<http://www.scielo.br/rn>>. **O(s) autor(es) deverá(ão) enviar apenas a última versão do trabalho.**

O texto do artigo deverá empregar fonte colorida (cor azul) ou sublinhar, para todas as alterações, juntamente com uma carta ao editor, reiterando o interesse em publicar nesta Revista e informando quais alterações foram processadas no manuscrito, na versão reformulada. Se houver discordância quanto às recomendações dos revisores, o(s) autor(es) deverão apresentar os argumentos que justificam sua posição. O título e o código do manuscrito deverão ser especificados.

#### **Página de rosto deve conter**

- a) título completo - deve ser conciso, evitando excesso de palavras, como "avaliação do....", "considerações acerca de..." "estudo exploratório....";
- b) *short title* com até 40 caracteres (incluindo espaços), em português (ou espanhol) e inglês;
- c) nome de todos os autores por extenso, indicando a filiação institucional de cada um. Será aceita uma única titulação e



filiação por autor. O(s) autor(es) deverá(ão), portanto, escolher, entre suas titulações e filiações institucionais, aquela que julgar(em) a mais importante.

d) Todos os dados da titulação e da filiação deverão ser apresentados por extenso, sem siglas.

e) Indicação dos endereços completos de todas as universidades às quais estão vinculados os autores;

f) Indicação de endereço para correspondência com o autor para a tramitação do original, incluindo fax, telefone e endereço eletrônico;

**Observação:** esta deverá ser a única parte do texto com a identificação dos autores.

**Resumo:** todos os artigos submetidos em português ou espanhol deverão ter resumo no idioma original e em inglês, com um mínimo de 150 palavras e máximo de 250 palavras.

Os artigos submetidos em inglês deverão vir acompanhados de resumo em português, além do *abstract* em inglês.

Para os artigos originais, os resumos devem ser estruturados destacando objetivos, métodos básicos adotados, informação sobre o local, população e amostragem da pesquisa, resultados e conclusões mais relevantes, considerando os objetivos do trabalho, e indicando formas de continuidade do estudo.

Para as demais categorias, o formato dos resumos deve ser o narrativo, mas com as mesmas informações.

O texto não deve conter citações e abreviaturas. Destacar no mínimo três e no máximo seis termos de indexação, utilizando os descritores em Ciência da Saúde - DeCS - da Bireme<<http://decs.bvs.br>>.

**Texto:** com exceção dos manuscritos apresentados como Revisão, Comunicação, Nota Científica e Ensaio, os trabalhos deverão seguir a estrutura formal para trabalhos científicos:

**Introdução:** deve conter revisão da literatura atualizada e pertinente ao tema, adequada à apresentação do problema, e que destaque sua relevância. Não deve ser extensa, a não ser em manuscritos submetidos como Artigo de Revisão.

**Métodos:** deve conter descrição clara e sucinta do método empregado, acompanhada da correspondente citação bibliográfica, incluindo: procedimentos adotados; universo e

amostra; instrumentos de medida e, se aplicável, método de validação; tratamento estatístico.

Em relação à análise estatística, os autores devem demonstrar que os procedimentos utilizados foram não somente apropriados para testar as hipóteses do estudo, mas também corretamente interpretados. Os níveis de significância estatística (ex.  $p < 0,05$ ;  $p < 0,01$ ;  $p < 0,001$ ) devem ser mencionados.

Informar que a pesquisa foi aprovada por Comitê de Ética credenciado junto ao Conselho Nacional de Saúde e fornecer o número do processo.

Ao relatar experimentos com animais, indicar se as diretrizes de conselhos de pesquisa institucionais ou nacionais - ou se qualquer lei nacional relativa aos cuidados e ao uso de animais de laboratório - foram seguidas.

**Resultados:** sempre que possível, os resultados devem ser apresentados em tabelas ou figuras, elaboradas de forma a serem autoexplicativas e com análise estatística. Evitar repetir dados no texto.

Tabelas, quadros e figuras devem ser limitados a cinco no conjunto e numerados consecutiva e independentemente com algarismos arábicos, de acordo com a ordem de menção dos dados, e devem vir em folhas individuais e separadas, com indicação de sua localização no texto. **É imprescindível a informação do local e ano do estudo.** A cada um se deve atribuir um título breve. Os quadros e tabelas terão as bordas laterais abertas.

O(s) autor(es) se responsabiliza(m) pela qualidade das figuras (desenhos, ilustrações, tabelas, quadros e gráficos), que deverão ser elaboradas em tamanhos de uma ou duas colunas (7 e 15cm, respectivamente); **não é permitido o formato paisagem.** Figuras digitalizadas deverão ter extensão jpeg e resolução mínima de 400 dpi.

Gráficos e desenhos deverão ser gerados em programas de desenho vetorial (*Microsoft Excel, CorelDraw, Adobe Illustrator* etc.), acompanhados de seus parâmetros quantitativos, em forma de tabela e com nome de todas as variáveis.

A publicação de imagens coloridas, após avaliação da viabilidade técnica de sua reprodução, será custeada pelo(s) autor(es). Em caso de manifestação de interesse por parte do(s) autor(es), a Revista de Nutrição providenciará um orçamento dos custos envolvidos, que poderão variar de acordo com o número de imagens, sua distribuição em páginas diferentes e a publicação

concomitante de material em cores por parte de outro(s) autor(es).

Uma vez apresentado ao(s) autor(es) o orçamento dos custos correspondentes ao material de seu interesse, este(s) deverá(ão) efetuar depósito bancário. As informações para o depósito serão fornecidas oportunamente.

**Discussão:** deve explorar, adequada e objetivamente, os resultados, discutidos à luz de outras observações já registradas na literatura.

**Conclusão:** apresentar as conclusões relevantes, considerando os objetivos do trabalho, e indicar formas de continuidade do estudo. **Não serão aceitas citações bibliográficas nesta seção.**

**Agradecimentos:** podem ser registrados agradecimentos, em parágrafo não superior a três linhas, dirigidos a instituições ou indivíduos que prestaram efetiva colaboração para o trabalho.

**Anexos:** deverão ser incluídos apenas quando imprescindíveis à compreensão do texto. Caberá aos editores julgar a necessidade de sua publicação.

**Abreviaturas e siglas:** deverão ser utilizadas de forma padronizada, restringindo-se apenas àquelas usadas convencionalmente ou sancionadas pelo uso, acompanhadas do significado, por extenso, quando da primeira citação no texto. Não devem ser usadas no título e no resumo.

#### **Referências de acordo com o estilo *Vancouver***

**Referências:** devem ser numeradas consecutivamente, seguindo a ordem em que foram mencionadas pela primeira vez no texto, conforme o estilo *Vancouver*.

Nas referências com dois até o limite de seis autores, citam-se todos os autores; acima de seis autores, citam-se os seis primeiros autores, seguido de *et al.*

As abreviaturas dos títulos dos periódicos citados deverão estar de acordo com o *Index Medicus*.

**Não serão aceitas** citações/referências de **monografias** de conclusão de curso de graduação, **de trabalhos** de Congressos, Simpósios, *Workshops*, Encontros, entre outros, e de **textos não publicados** (aulas, entre outros).

Se um trabalho não publicado, de autoria de um dos autores do manuscrito, for citado (ou seja, um artigo *in press*), será

necessário incluir a carta de aceitação da revista que publicará o referido artigo.

Se dados não publicados obtidos por outros pesquisadores forem citados pelo manuscrito, será necessário incluir uma carta de autorização, do uso dos mesmos por seus autores.

**Citações bibliográficas no texto:** deverão ser expostas em ordem numérica, em algarismos arábicos, meia linha acima e após a citação, e devem constar da lista de referências. Se forem dois autores, citam-se ambos ligados pelo "&"; se forem mais de dois, cita-se o primeiro autor, seguido da expressão *et al.*

**A exatidão e a adequação das referências a trabalhos que tenham sido consultados e mencionados no texto do artigo são de responsabilidade do autor.** Todos os autores cujos trabalhos forem citados no texto deverão ser listados na seção de Referências.

Para outros exemplos recomendamos consultar as normas do Committee of Medical Journal Editors (Grupo Vancouver) <<http://www.icmje.org>>.

### **Revista de Nutrição**

**Núcleo de Editoração SBI - Campus II - Av. John Boyd Dunlop, s/n. - Prédio de Odontologia  
Jd. Ipaussurama - 13059-900 - Campinas - SP  
Tel./Fax: +55 19 3343-6875**



[sbi.submissionrn@puc-campinas.edu.br](mailto:sbi.submissionrn@puc-campinas.edu.br)

## ANEXO C – NORMAS DE PUBLICAÇÃO DA REVISTA ALETHEIA

### INTRUÇÕES AOS AUTORES

#### POLÍTICA EDITORIAL

A Aletheia é uma revista quadrimestral (jan/abr-mai/ago-set/dez), editada pelo Curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil, destinada à publicação de trabalhos de pesquisadores envolvidos em estudos produzidos na área da Psicologia ou ciências afins. Serão aceitos somente trabalhos originais que se enquadrem nas categorias de relato de pesquisa, experiência profissional, artigos de revisão e resenhas.

Relato de pesquisa: investigação baseada em dados empíricos, utilizando metodologia e análise científica.

Artigos de revisão: revisões sistemáticas e atuais sobre temas relevantes para a linha editorial da revista.

Relato de experiência profissional: estudos de caso, contendo análise de implicações conceituais, ou descrição de procedimentos e estratégias de intervenção de interesse para a atuação de psicólogos em diferentes áreas. Resenhas: revisão crítica de livros recém publicados, orientando o leitor quanto a suas características e usos potenciais.

#### APRESENTAÇÃO DO ARTIGO

Os artigos originais deverão ser encaminhados em CD e uma (01) via impressa, digitada em espaço 1,5, fonte Times New Roman, tamanho 12 e paginado desde a folha de rosto personalizada. A folha deverá ser A4, com formatação de margens superior e inferior (no mínimo 2,5 cm), esquerda e direita (no mínimo 3 cm). A revista adota, a partir de seu N.32, as normas do Manual de Publicação da American Psychological Association - APA (6ª edição, 2010).

O artigo deve atender à seguinte orientação: Relato de pesquisa (máximo 20 laudas); Artigos de revisão (máximo de 15 laudas); Relato de experiência profissional (máximo de 15 laudas) e Resenhas (máximo de 3 laudas).

Todo manuscrito encaminhado à Revista deverá ser acompanhado de documento assinado por todos os autores, onde esteja explícita a intenção de submissão do trabalho à publicação: Neste deve conter (ver site [www.ulbra.br/psicologia/aletheia](http://www.ulbra.br/psicologia/aletheia)):

- a) Autorização para reformulação da linguagem, se necessário;
- b) Transferência de direitos autorais para a Revista Aletheia.

\* No caso de estudos envolvendo seres humanos, será exigido, nos termos das Resoluções 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde, documento comprobatório da aprovação por parte de Comissão ou Comitê de Ética da instituição na qual foi realizada a pesquisa, quando da aceitação do manuscrito para publicação.

a) Apresentação do artigo:

-Título do artigo em língua portuguesa;

-Nome dos autores, formação; titulação; afiliação institucional; endereço, incluindo CEP, telefone e e-mail.

- Resumo em português contendo de 100 a 150 palavras; palavras-chave, no máximo três;

- Título do artigo em inglês, Abstract, keywords;

- Título do artigo em espanhol, Resumen, palabras clave.

\* caso o artigo seja de outra língua, deve constar os mesmos dados no idioma original do artigo.

b) Os artigos referentes a Relatos de Pesquisa devem apresentar a seguinte sequência: Título; Introdução; Método (população/amostra/participantes, instrumentos, procedimentos (coleta e análise de dados), incluindo nessa seção afirmação de aprovação do estudo em Comitê de Ética de acordo com Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde); Resultados; Discussão, Referências (em letra minúscula e em seções separadas).

c) As referências são limitadas a 40, exceto nos artigos de revisão que podem utilizar até 50. No total poderá ser utilizada até 10% de citações referentes aos próprios autores. No mínimo, 50% do total devem referir-se aos últimos 5 anos. Exceções deverão ser justificadas e serão analisadas pelo Conselho Editorial. Sugere-se a utilização de artigos sobre o tema presentes em revistas nacionais e internacionais pertencentes ao portal PePSIC (<http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php>).

d) Usar as denominações tabelas e figuras (não usar a expressão quadros e gráficos). Colocar tabelas e figuras incorporadas ao texto. Tabelas: incluindo título e notas de acordo com normas da APA. Formato Word – ‘Simples 1’. A tabela não poderá exceder 11,5 cm de largura x 17,5 cm de comprimento. O comprimento da tabela não deve exceder 40 linhas, incluindo título e rodapé(s). Para assegurar qualidade de reprodução as figuras contendo desenhos deverão ser encaminhadas em qualidade para fotografia (resolução mínima de 300 dpi). A versão publicada não poderá exceder a largura de 11,5 cm para figuras.

e) Anexos: apenas quando contiverem informação original importante, ou destaque indispensável para a compreensão de alguma seção do trabalho. Recomenda-se evitar anexos.

\* Sugestão para redação de texto: Sabadini, A. A. Z. P., Sampaio, M. I. C., & Koller, S. H. (Orgs.). (2009). *Publicar em psicologia: um enfoque para a revista científica*. São Paulo: Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia; Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Recuperado em 10 de abril de 2010, [http://www.ip.usp.br/biblioteca/pubcursos/publicar\\_psicologia\\_1edicao\\_2009\\_WEB\\_COR\\_13%20jul%202009.pdf](http://www.ip.usp.br/biblioteca/pubcursos/publicar_psicologia_1edicao_2009_WEB_COR_13%20jul%202009.pdf)

Nota: Revise minuciosamente o artigo com relação às normas da Aletheia, à correção da língua portuguesa ou outro idioma e aos itens que devem compor a sua submissão. Verifique se o arquivo apresenta sua identificação. Trabalhos com documentação incompleta ou não atendendo às orientações das normas adotadas pela revista (APA, 6ª edição, 2001) não serão avaliados. O(s) autor(es) serão comunicados na ocasião da confirmação de recebimento.

## NORMAS PARA CITAÇÕES

- As notas não bibliográficas deverão ser colocadas ao pé das páginas, ordenadas por algarismos arábicos que deverão aparecer imediatamente após o segmento de texto ao qual se refere à nota.

- As citações dos autores deverão ser feitas de acordo com as normas da APA (6ª edição).

- No caso da citação integral de um texto: deve ser delimitada por aspas e a citação do autor seguida do ano e do número da página citada. Uma citação literal com 40 ou mais palavras deve ser apresentada em bloco próprio em itálico e sem aspas, começando em nova linha, com recuo de 5 espaços da margem, na mesma posição de um novo parágrafo. A fonte será a mesma utilizada no restante do texto (Times New Roman, 12).

Citação de um autor: autor, sobrenome em letra minúscula, seguida pelo ano da publicação. Exemplo: Rodrigues (2000).

Citações de dois autores: cite os dois autores sempre que forem referidos no texto. Exemplo: (Carvalho & Santos, 2000) - quando os sobrenomes forem citados entre parênteses: devem estar ligados por &. Quando forem citados fora do parêntese devem ser ligados pela letra (e).

Citação de três a cinco autores: citar todos os autores na primeira referência, seguidos da data do artigo entre parênteses. A partir da segunda referência, utilize o sobrenome do primeiro autor, seguido de et al. Exemplo: Silva, Foguel, Martins e Pires (2000), a partir da segunda referência, Silva et al. (2000)

Artigo de seis ou mais autores: cite apenas o sobrenome do primeiro autor, seguido de et al. (ANO). Na seção Referências, todos os autores deverão ser citados.

Autores com o mesmo sobrenome: deve ser incluída as iniciais autores em todas as citações do texto, mesmo que o ano de publicação seja diferente. Exemplo: R. O. Pena (2007) e F. C. Pena (1998) também colocam que ...

Citação de obras antigas, clássicas e reeditadas: citar a data da publicação original, seguida da data da edição consultada. Exemplo: (Kant 1871/1980). Autores com a mesma idéia: seguir a ordem alfabética de seus sobrenomes e não a ordem cronológica. Exemplo: (Foguel, 2003; Martins, 2001; Santos, 1999; Souza, 2005).

Publicações diferentes com a mesma data: Acrescentar letras minúsculas após o ano de publicação. Exemplo: Carvalho, 1997, 2000a, 2000b, 2000c.

Citação cuja idéia é extraída de outra ou citação indireta: Utilizar a expressão citado por. Ex: Lopes, citado por Martins (2000),...

Na seção Referências, incluir apenas a fonte consultada (Martins).

Transcrição literal de um texto ou citação direta: sobrenome do autor, data, página. Exemplo: (Carvalho, 2000, p.45) ou Carvalho (2000, p.45).

Citação de Web: deve ser apresentada no texto com o endereço completo, e não deve

constar na lista de referências. Ex:O instrumento utilizado encontra-se no sitio do autor (<http://www.wont.uji.es>).

## NORMAS PARA REFERÊNCIAS

As referências bibliográficas deverão ser apresentadas no final do artigo. Sua disposição deve ser em ordem alfabética do último sobrenome do autor e em letra minúscula. Nomes de autores não devem sersubstituídos por traços.

Revista Aletheia - Endereço para envio de artigos  
Universidade Luterana do Brasil  
Curso de Psicologia

Revista Aletheia  
Av. Farroupilha, 8001 – Bairro São José  
CEP: 92425-900  
Sala 121 - Prédio 01  
Canoas – RS – Brasil

Profa. Dra. Mary Sandra Carlotto

Editora



## ANEXO D – NORMAS DE PUBLICAÇÃO DA REVISTA ANÁLISE PSICOLÓGICA



### INSTRUÇÕES AOS AUTORES

- [Política Editorial](#)
- [Forma e preparação de manuscritos](#)

**ISSN 0870-8231**

**[*versão impressa*]**

### **Política Editorial**

A Análise Psicológica é a mais antiga e emblemática publicação periódica do ISPA, publicando regularmente quatro números por ano desde 1977. Publica artigos originais em língua portuguesa e inglesa, cobrindo um vasto campo de especialidades no domínio da psicologia.

### **Forma e preparação de manuscritos**

A revista Análise Psicológica publica artigos de investigação, revisão ou discussão teórica, nos domínios da Psicologia.

Os artigos recebidos estão sujeitos à revisão por pares. O conteúdo dos artigos é da responsabilidade dos autores. Os originais devem ser dactilografados a dois espaços com margens amplas, em folhas brancas normalizadas (tipo A4), devidamente numeradas e não deverão exceder as 30 páginas. Os artigos devem ser acompanhados de resumos em português e inglês, que não devem exceder as 200 palavras. Devem ainda ser indicadas entre 3 a 5 palavras-chave que facilitem a indexação do artigo.

Os artigos devem ser escritos segundo as recomendações feitas pela APA (Publication Manual of the American Psychological Association, 6ª edição) relativamente à sua edição, referências e citações. As notas de fim de página devem ser evitadas.

Os quadros e figuras deverão ser usados apenas se contribuírem fortemente para a clarificação ou encurtamento do texto.

Devem ser apresentados em folhas separadas, devidamente numerados, e acompanhados de breves legendas. A sua localização no texto deve ser claramente indicada. As figuras devem possuir elevada qualidade gráfica (\*.jpg ou \*.tif), de modo a permitir a sua reprodução sem perda apreciável de nitidez, e a sua eventual redução.

As provas tipográficas poderão ser revistas pelos autores, que não podem, em caso algum, acrescentar ou alterar o texto original. As provas corrigidas devem ser devolvidas no prazo máximo de 8 dias.

Os artigos deverão ser submetidos em <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap>

[\[Home\]](#) [\[Sobre esta revista\]](#) [\[Corpo Editorial\]](#) [\[Assinaturas\]](#)

---

© 2013 Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**Rua Jardim do Tabaco, 34  
1149-041 Lisboa – Portugal  
Tel.: + 351 218 811 700  
Fax: + 351 218 860 954**

**[info@ispa.pt](mailto:info@ispa.pt)**

## **APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM AS NUTRICIONISTAS**

- 1) Quais os principais motivos da procura por acompanhamento nutricional de suas pacientes?
- 2) Quais as principais dificuldades encontradas na condução dos casos em geral?
- 3) Quais os fatores que influenciam na evolução e êxito do acompanhamento nutricional?
- 4) Qual o seu entendimento sobre o que é saudável, o que é prejudicial, o que é normal e o que é patológico em termos de práticas alimentares?
- 5) Existe(m) diferença(s) entre as pacientes de ascendência italiana das que possuem outra etnia, em relação ao perfil e à adesão ao acompanhamento nutricional? Em caso afirmativo, qual(quais)?

## **APÊNDICE B– ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM AS PACIENTES**

- 1) Na infância, como funcionavam as refeições na sua casa?
- 2) Quais os alimentos mais comuns naquelas refeições?
- 3) Existia algum tipo de cobrança ou expectativa em relação à comida?
- 4) Em quais ocasiões a família se reunia e como eram esses momentos?
- 5) Hoje em dia, como você lida com a comida?
- 6) Em que situações/circunstâncias você come?
- 7) Quais os hábitos, valores e costumes da sua família de origem que você mantém?
- 8) Como você descreveria as mulheres de ascendência italiana da sua família (mãe/avós/tias/bisavós)?
- 9) Que motivo(s) levou/levaram você a procurar uma nutricionista?
- 10) Em sua opinião, quais são as características e atribuições de uma boa mãe?

## APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (MODELO DAS NUTRICIONISTAS)

Prezada Participante,

Sou aluna do curso de doutorado do programa de pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Estou realizando uma pesquisa sob a supervisão da professora Dra. Marlene Neves Strey, para a qual você está sendo convidada a participar, cujo principal objetivo é conhecer as práticas alimentares das mulheres de ascendência italiana que residem na cidade de Bento Gonçalves (RS).

Sua participação envolve a indicação de pacientes para este estudo e uma entrevista que será gravada para posterior transcrição e análise.

A participação nesse estudo é voluntária e, se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-la.

Mesmo não tendo benefícios diretos ao participar, indiretamente, você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora, através do fone 54-99780269 e 51-91727322, ou pela entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, fone 51-3320 3345.

Atenciosamente,

---

Patrícia Fasolo Romani - Pesquisadora  
Matrícula: 11190793-7

---

Local e Data

---

Professora Orientadora Marlene Neves Strey  
Matrícula: 001708

**Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.**

---

Nome e assinatura da participante

---

Local e Data

## APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (MODELO DAS PACIENTES)

Prezada Participante,

Sou aluna do curso de doutorado do programa de pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Estou realizando uma pesquisa, sob a supervisão da professora Dra. Marlene Neves Strey, para a qual você está sendo convidada a participar, cujo principal objetivo é conhecer as práticas alimentares das mulheres de ascendência italiana que residem na cidade de Bento Gonçalves (RS).

Sua participação envolve uma entrevista, que será gravada para posterior transcrição e análise. A participação nesse estudo é voluntária e, se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-la.

Mesmo não tendo benefícios diretos ao participar, indiretamente, você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora, através do fone 54-99780269 e 51-91727322, ou pela entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, fone 51-3320 3345.

Atenciosamente,

---

Patrícia Fasolo Romani –  
Pesquisadora  
Matrícula: 11190793-7

---

Local e Data

---

Professora Orientadora Marlene Neves Strey  
Matrícula: 001708

**Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.**

---

Nome e assinatura da participante

---

Local e Data